



ESOTERISMO E ARTE: A PERSPECTIVA EGÍPCIA INICIÁTICA DA ANTIGA E MÍSTICA ORDEM ROSACRUZ – AMORC

Luiz Eduardo V. Berni¹

Resumo: Partindo-se de diferentes fontes: bibliográfica, entrevista e documentos, principalmente fotográficos, este estudo apresenta um panorama da arte egípcia na arquitetura, escultura e pintura do esoterismo templário da Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis – AMORC. Como fontes bibliográficas, para situar o esoterismo praticado pela organização, utilizaram-se referências clássicas da Ciências das Religiões, bem como da História e História da Arte egípcia. A apresentação da AMORC, todavia, pautou-se por referências da própria Ordem, visto que é a partir dessa autoidentificação com a cultura e o misticismo egípcio que se dá a busca pelos elementos da arte egípcia materializados nas construções templárias. No estudo, pautou-se inicialmente pelos elementos arquitetônicos do início do século XX nos EUA, porém, concentra-se na arte produzida pelos próprios membros da Loja Rosacruz São Paulo – AMORC (LSP), a mais antiga do Brasil, pois, a exemplo do que acontecia (e acontece) no âmbito das construções sagradas, a materialização dos anseios de sua arte se concretiza pelas mãos de seus próprios membros.

Palavras chaves: Esoterismo Ocidental, Arte Egípcia, Rosacruzianismo, AMORC

ESOTERICISM AND ART: THE INITIATIC EGYPTIAN PERSPECTIVE OF THE ANCIENT AND MYSTICAL ROSIKRUCIAN ORDER – AMORC

Abstract: Based on different sources: bibliography, interviews and documents, mainly photographs, this study presents an overview of Egyptian art in the architecture, sculpture and painting of the Templar esotericism of the Ancient and Mystical Order Rosae Crucis – AMORC. As bibliographical sources, to situate the esotericism practiced by the organization, classic references from the science of religions were used, as well as from the history and history of Egyptian art. AMORC's presentation, however, was guided by references of the order itself, since it is from this self-identification with Egyptian culture and mysticism that the search for the elements of Egyptian art materialized in the Templar constructions.. The study was initially guided by the architectural elements of the beginning of the 20th century in the USA, but it focuses on the art produced by the members of the Loja Rosacruz São Paulo– AMORC (LSP), the oldest in Brazil, because, following the example of what happened (and still happens) within the scope of sacred constructions, the materialization of the aspirations of their art is realized through the hands of their own members.

Keywords: Western Esotericism, Egyptian Art, Rosicrucianism, AMORC

¹Psicólogo, mestre em Ciências da Religião (PUC-SP), doutor em psicologia (USP), pesquisador do Ateliê de Pesquisa Transdisciplinar (APTD). E-mail para contato: berni@alumni.usp.br



Apresentação

Este estudo busca apresentar a inspiração da arte egípcia expressa no Esoterismo da Tradição Rosacruz da Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis – AMORC. O Trabalho é dividido em cinco partes. Na primeira, apresentam-se os fundamentos da Tradição na AMORC e o Esoterismo Ocidental; na segunda parte, é apresentado um panorama sobre o sagrado, como fundamento do saber tradicional, e, na sequência, como se dá a criação do espaço sagrado materializado no templo, após o que se apresentam alguns dos fundamentos da arte egípcia para, por fim, apresentar-se como esses elementos materializam-se no esoterismo templário-iniciático da AMORC.

1. A Tradição da AMORC e o Esoterismo Ocidental

A Antiga e Mística Ordem Rosacruz – AMORC, é uma organização internacional, um “movimento filosófico, iniciático e tradicional mundial, não-religioso e apolítico, aberto a homens e mulheres sem distinção de raça, religião ou posição social”².

Enquanto tradição, remete-se às Escolas de Mistério do Egito Antigo e, mais recentemente, ao surgimento do Rosacruzianismo na Europa do século XVII, a partir da publicação dos “Manifestos” que tornaram pública a existência da Ordem. Historicamente, entretanto, está vinculada ao pensamento de Harvey Spencer Lewis, seu primeiro *imperator*³ e responsável pela estruturação de seus ensinamentos e pelo surgimento da organização nos EUA no início do século XX (LEWIS, 1975).

O movimento rosacruz da AMORC situa-se no campo do Esoterismo Ocidental.

O termo esotérico tem origem grega (*esôterikos*), que significa conhecimento interior ou daquilo que pertence ao místico. E o que é ser místico? Ser místico é ser esotérico, ou seja, ir ao fundo de seu pensamento e encontrar o ponto central e de lá se lançar para as extremidades, porque esse centro abriga todo o conjunto (RIFFARD, 1990, p. 9).

² <https://www.amorc.org/amorc-presentation-portugues>.

³ Do latim “imperador”, título tradicional outorgado àquele que é o líder supremo da organização no mundo.



Carvalho (2010) afirma que o Esoterismo é um grande movimento – espiritual, religioso, intelectual – que poderia ser definido como a busca do sentido arcano, transcendente e da experiência iniciática, individual e plena, na era do mundo exaurido dos mistérios doutrinários e da caução sagrada do mundo; isto é, no caso do esoterismo moderno, busca-se a experiência iniciática na era do descrédito e da crítica à religião oficial e da ascensão definitiva da ciência racionalista como fonte primordial de saber e gnose.

Na busca humana pelo sagrado, pode-se afirmar, em um sentido amplo, que as tradições esotéricas sempre existiram e se constituem em um contrapeso ao lado oficial, público, ou exotérico das religiões (CARVALHO, 1998). Por outro lado, do ponto de vista moderno, o esoterismo que surge na Europa do século XVII com o aparecimento do Rosacruzianismo, além da crítica à religião faz, também, uma crítica ao cientificismo que decorreu da visão científica, portanto, parece razoável afirmar que o esoterismo ocidental procura ser um elo (*religere*) entre a razão e a espiritualidade, ou entre a ciência e a religião.

A identidade do movimento rosacruz da AMORC pode ser analisada sob três perspectivas. Do ponto de vista da tradição, em que se encontra o imaginário e a mitologia; do ponto de vista religioso, no qual se encontram os fundamentos ideológicos e filosóficos, e do ponto de vista histórico, que registra sua trajetória cronológica.

A Antiga e Mística Ordem Rosacruz, AMORC, como movimento esotérico, afirma sua gnose como pertencente às Escolas de Mistério do Antigo Egito. Seu fundamento mítico se situa nos diversos faraós da XVIII dinastia egípcia, reconhecendo o faraó Akhenaton (1352–1338 a. C.) como um de seus mais importantes mestres.

Do ponto de vista histórico, a AMORC é uma das escolas esotéricas que se propõem à veiculação do conhecimento Rosacruz, segundo Bogard (2021), a maior do mundo. O Rosacruzianismo surgiu, historicamente, na Europa no início do século XVII, com a publicação dos *Manifestos Fama Fraternitatis*, *Confessio Fraternitatis* e *O Casamento Alquímico de Christian Rosenkreutz* (DISHER, 1982).

Entretanto, as origens cronológicas contemporâneas da AMORC remetem-se aos EUA, com Harvey Spencer Lewis (1883–1939), que entre 1909 e 1915, após um surpreendente processo iniciático realizado na França, foi instituído como *Imperator* da



organização, trazendo para a América muitos dos conhecimentos esotéricos e arcanos desenvolvidos no “velho mundo”, que se preparava para entrar em um longo período de conflitos bélicos com as I e II Grandes Guerras (LEWIS, 2011).

Lewis morreu jovem, aos 56 anos, e durante um período, de aproximadamente 25 anos, desenvolveu as bases materiais, filosóficas e espirituais do rosacruçianismo da AMORC. A principal inovação para a tradição rosacruz, naquela época, parece ter ocorrido em 1917 quando na Convenção Nacional realizada em Pittsburgh, EUA, decidiu-se que os ensinamentos tradicionais, que até então só eram acessíveis de forma presencial e oral, seriam também disponibilizados por correio. Assim, desenvolveu-se um intrincado processo de educação iniciática à distância (EaD), enviado regularmente aos membros por correio em um processo que persiste até os dias atuais (idem).

Os ensinamentos da AMORC são apresentados em 12 graus de estudo, contendo números distintos de monografias e contemplam os seguintes temas: Matéria e Energia; A Natureza Ilusória de Tempo e Espaço; Consciência Humana e Consciência Cósmica; Meditação; Desenvolvimento da Intuição; Aura Humana; Cura Espiritual; Sons Místicos; Telepatia; Telecinesia; Vibroturgia; Radiestesia; Alquimia Espiritual; Visualização; Projeção Psíquica; Consciência; Reencarnação e Carma; Intuição; Iluminação; Subconsciente; Alma; Morte; Cura à Distância; Centros Psíquicos; Simbolismo; Sonhos; Harmonização (AMORC, 2006).

Assim, segundo Hobsbawm e Ranger (2021, p. 8) a tradição surge quando

Um conjunto de práticas, reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.

2. O Sagrado como Fundamento do Saber Tradicional

Saberes Tradicionais são perspectivas holísticas, integrais, que veiculam um conhecimento construído pelo método da tentativa e erro e que normalmente eram (são) passados de forma cultural pelas tradições.



Até o advento da Modernidade, por volta do ano 1600, a realidade era compreendida a partir de uma visão a que Lovejoy (2005) denominou de *Grande Cadeia do Ser*, esta era (é) a base a partir da qual os Saberes Tradicionais são estruturados.

Trata-se de uma estrutura multidimensional onde níveis de realidade superiores abarcavam e contém níveis de realidade inferiores numa grande hierarquia ou holarquia.

Essa estrutura podia (pode) ser compreendida em seus diferentes matizes, dependendo da cultura, escola, religião ou tradição que a aborde. Assim, é possível divisar, por exemplo, pelo menos cinco níveis de realidade ou dimensões que a contemplavam: (1) o do *Sagrado* elemento não-dual, irreduzível que pode ser compreendido pela mística, do qual emanava o mistério da vida (do Ser) (2) *Nível Espiritual* que podia ser compreendido pela dimensão mítica do sentido último da existência, que contém o (3) *Nível Mental* que pode ser compreendido pela dimensão racional, ou de tudo aquilo que pode ser reduzido à dimensão conceitual que contém o (4) *Nível Emocional* que pode ser compreendido pela dimensão psicológica, emocional que, por fim, contém o (5) *Nível Físico* que pode ser compreendido pela dimensão material química, física, fisiológica e biológica, ou seja, de forma totalmente objetiva, mensurável, concreta. Esta é a base do que se denomina Saber Tradicional, veiculado, portanto, por Tradição (ver fig. 1).

A sondagem dessa grande cadeia se dava (e se dá) de forma empírica, por meio da experimentação, e os conhecimentos (tradicionais) produzidos foram (e são) sistematizados nas diferentes formas da sabedoria cultural perenizada por meio do que conhecemos no Ocidente reduzidos como Arte, Ciência e Religião.

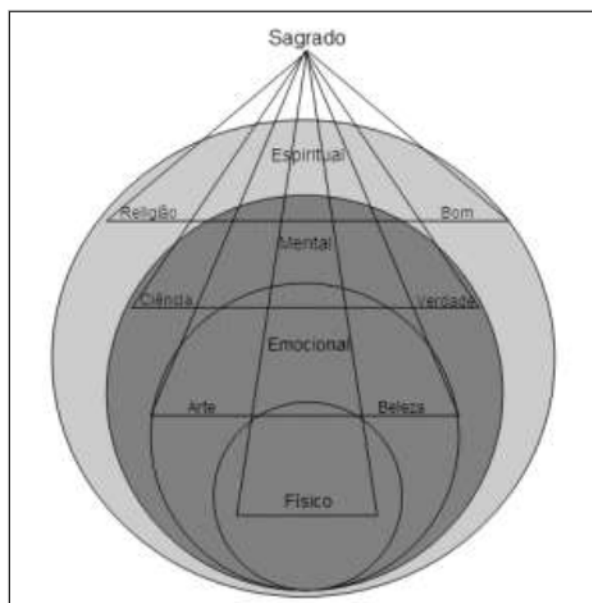


Fig. 1 – A Grande Cadeira do Ser⁴

Segundo Wilber (1998), a modernidade, a partir de Max Weber, clareou a relação existente entre essas esferas, estabelecendo uma diferenciação dos “Três Grandes”: o Bom, a Verdade e o Belo.

O Bom ficou a cargo da Religião (das Tradições), o Belo a cargo das Artes e a Verdade a cargo da Ciência. Essa diferenciação permitiu significativos avanços na sondagem empírica da realidade, ou da *Grande Cadeira do Ser*, evitando-se um aspecto altamente nocivo que prevalecia até então: a invasão (dominação) de uma esfera sobre a outra. Essa situação invasiva foi muito comum sendo que a religião assumiu o domínio das demais áreas por um longo período de tempo, fato que quase levou Galileu, por exemplo, para a fogueira (WILBER, 1998). Assim, para se evitar essa situação, movimentos contra-hegemônicos surgiram procurando de forma velada se insurgir contra o poder dominante. Este foi o caso do Círculo de Tübingen que está na raiz histórica da Tradição Rosacruz (REBISSE, 2003).

Ao tratar o tema relacionado com o sagrado uma questão complexa se impõe, pois há uma incrível sensação de familiaridade, um *déjà vu*, com o qual a humanidade sempre esteve envolvida, pois, segundo Chauí (2000), todas as culturas possuem vocábulos para exprimir o sagrado.

⁴ Figura do pesquisador publicada pela primeira vez em “Ensaio para uma Epistemologia Trans (Disciplinar, Cultural e Pessoal) na Mediação da Psicologia em sua aproximação com os Povos Indígenas. In: CRPSP. **Psicologia e Povos Indígenas**. São Paulo: CRPSP, 2010.



Etimologicamente, o termo sagrado é explicado por diferentes raízes linguísticas. Alguns, como Marcondes (s.d.) afirmam sua raiz etrusca com o termo “*sac*” que significa “fazer com que uma coisa chegue ao real”; outros, como Nicolescu (1999), afirmam uma origem latina em “*sacer*” que significa “aquilo que não pode ser tocado sem sujar”.

Apesar dessa ancestralidade familiar, presente ainda nos dias atuais, a realidade do sagrado é ainda problemática, sendo, segundo Kujawski (1994), fonte de uma infindável discussão.

Otto (1985, p. 11) afirmou que:

O sagrado é, antes de mais nada, interpretação e avaliação do que existe no domínio exclusivamente religioso. Sem dúvida, esta categoria passa por outros domínios como, por exemplo, a ética; mas ela não provém desses domínios paralelos. Essa categoria é complexa; compreende um elemento de qualidade absolutamente especial que se abstrai a tudo aquilo que nós chamamos de racional; é completamente inacessível à compreensão conceitual e constitui algo inefável. O mesmo acontece com a conceituação do belo em outros domínios do conhecimento.

Assim, Otto (op. cit.) afirma, portanto, o aspecto *sui generis* do sagrado. A capacidade humana de perceber o sagrado é antes uma habilidade emocional, portanto, de âmbito psicológico, uma vez que se trata de algo que não se sujeita à razão. Na cunhagem desse termo, o autor recorreu ao latim e, ao usar uma língua “sagrada”, pareceu procurar despertar em seu interlocutor um certo charme misterioso. Otto escolheu o termo *Numem* (divindade) e a partir dele descreveu o sagrado como “*numinoso*”, deixando claro que o sagrado só poderia ser encontrado de forma íntima, ou seja, o sagrado precisa ser obrigatoriamente vivido (vivenciado) e, a partir desse destaque, cunhou sua abordagem.

Esta forma de compreensão da realidade é a base dos Saberes Tradicionais veiculados pelas diferentes Tradições, entre elas o rosacruzianismo da AMORC.



3. A Criação do Espaço Sagrado: o Templo

O Homem é um criador de realidades, não há dúvida, sua ação criativa é capaz de transformar tanto seu meio externo como interno num eterno processo de autoconhecimento.

“Gnothy se autón” – Conhece-te a ti mesmo – essa era a máxima que se encontrava grafada no pórtico do templo de Apolo em Delfos. Conhece-te a ti mesmo por aquilo que és capaz de criar e toma conhecimento, pela reflexão, daquilo que criaste dentro e fora de ti. Assim, torna-te uno como o Deus que és capaz de conceber. Esse parece ser o espírito de Delfos e a base do processo de formação do sujeito na cultura ocidental (SILVA, 2019).

Segundo Bucke (1996), o verdadeiro caminho da autodescoberta perpassa pela conexão com a Consciência Cósmica, uma espécie de percepção holística da realidade, que, como um farol, guia os caminhos dos seres humanos rumo à integração consigo mesmo, num processo a que Jung (2014) denominou de individuação.

Conhece-te a ti mesmo através da conexão com o sagrado, esta era a mensagem do oráculo. E foi dentro deste espírito, de manter a conexão com o Divino, que muito antes de Delfos surgiram os primeiros Templos, pois, no *Templum*, acontece o *tempus sacrae* (tempo sagrado), ou seja, no templo o tempo profano deixa de existir, passando a existir apenas o tempo sagrado, o tempo sem tempo, onde se dá o contato com a divindade (*Numem*).

Assim, os templos eram, e são, lugares onde se *aloja* o Sagrado. Nesses lugares, *Lojas*⁵ o homem podia expandir sua consciência buscando a conexão com a Consciência Divina, a Consciência Cósmica, e, portanto, para muitos, para o crente é o tipo de lar espiritual que educa o sentido da vida⁶.

No começo da epopeia humana, os templos podiam ser alojados em qualquer lugar onde os Seres Humanos sentissem a possibilidade de realizar uma conexão com o sagrado. Segundo Dorneles (2012), os povos nativos, povos nômades, ainda assim o sentem, ainda agem dessa forma. Isso se dá, muitas vezes, através de uma atitude

⁵ Muitas organizações do Esoterismo Ocidental transliteraram o termo inglês *lodge* e tratam seus templos como Loja.

⁶ A espiritualidade como busca de sentido é um conceito da Psicologia Transpessoal, especialmente na abordagem de Viktor Frankel com sua teoria denominada Logosofia.



contemplativa, ou de uma entrega voraz aos elementos naturais e instintivos, e onde, a partir de uma alteração de seu estado de consciência, se possa comungar com a divindade. A fim de conseguir essa atitude procuravam por lugares na natureza que pudessem ter facilitada essa conexão.

Assim, os seres humanos procuravam ter um contato direto com os elementos naturais, seja vivenciando todo o esplendor do nascer ou do pôr do Sol; seja do contato íntimo com as entranhas da terra em grutas ou tendas; ou em cumes de montanhas onde pudessem vivenciar as dimensões do espaço, do ar; ou ainda, junto a rios, lagos ou mares, onde pudessem sentir essa conexão pela água. E, assim, apesar de sentir a unidade do sagrado, era capaz de reconhecê-lo na diversidade do mundo que o cercava, e, portanto, por sua capacidade de refletir, através da conexão com essa dimensão irredutível da realidade. Alguns de seus primeiros símbolos foram os dos elementos que compunham a natureza como o Fogo, o Ar, a Terra e a Água.

Para o homem dito primitivo o Sol talvez fosse considerado o elemento mais importante, pois percebia que sua luz e calor eram (são) fundamentais para a manutenção da vida. Evidentemente, o fogo foi associado ao sol e o homem procurou dominá-lo.

Antes do domínio do fogo as noites eram escuras e apavorantes, pois os Seres Humanos tinham de se manter em guarda contra o ataque dos predadores noturnos. Com o fogo pôde sentir-se mais seguro e as noites passaram a ser mais aconchegantes.

Como a coleta e a caça eram naturalmente dificultadas nesse período, pôs-se o homem diante do fogo a refletir... e a reflexão tornou-se uma das chaves de seu processo de humanização, e, assim, tanto o fogo como o sol surgiram como elementos simbólicos dos mais importantes que foram e ainda são, capazes de conceber, sendo aceito aparentemente de maneira unânime pela maioria das tradições espirituais do planeta.

E assim, pela dimensão simbólica que surgia, os seres humanos passaram a refletir sobre sua própria natureza.

Como nômades, os templos eram circunstanciais, ou seja, eram móveis. Com o surgimento da agricultura, houve a necessidade de fixação à terra, os templos tornaram-se igualmente fixos. Ao erigir tais templos tiveram a princípio o cuidado de procurar manter a conexão com os elementos naturais. Assim, os templos eram alinhados pelo



nascer e o pôr do sol, de modo que esse espetáculo contemplativo pudesse ajudá-los em sua harmonização com o sagrado.

Encontramos o simbolismo dos elementos incorporados aos templos de diversas tradições desde os índios norte-americanos, que eram nômades, e as suas *Sweat Lodges*⁷, até as mais complexas, como na tradição católica nas grandes catedrais góticas da Idade Média.

No Antigo Egito, especificamente a XVIII dinastia é onde se situa tradicionalmente o berço da tradição veiculada pela Antiga e Mística Ordem Rosacruz – AMORC, que este tipo de simbolismo tenha encontrado uma de suas maiores expressões.

Os templos egípcios eram também orientados pelo Sol, aliás, o culto ao sol era a base da complexa religião egípcia, mas a água era igualmente importante, pois sem ela o sol era uma maldição e não uma benção.

É evidente que dois grandes fenômenos naturais tivessem uma profunda impressão nos habitantes do Nilo, e que seus primeiros deuses fossem reconhecidos a partir desses fenômenos. Estes foram o Sol e o Nilo ou a vegetação que se mantém graças à água. Esses dois grandes deuses eram Ra, o deus sol, e Osíris o deus da vegetação (BREASTED, 1933, p. 24).

Assim, o Leste, de onde o sol nasce, era associado ao elemento fogo, e este à luz da Consciência que o homem adquiriu pela contemplação do fogo desde tempos imemoriais.

Eu explorei o céu,
escavei o país de luz,
Percorri a luz,
Segui seu percurso caminhando,
Tornei-me senhor de forças espirituais de meu
Predecessor,
Pois sou realmente um ser dotado de luz.
(*Textos dos Sarcófagos*, capítulo 574, *apud* JACQ, 2000, p. 157)

⁷ Sauna Sagrada.



O Oeste, onde o sol se põe, foi associado à Água, ao término da vida. O Norte, à Terra, às trevas, à ignorância. E o Sul ao

Eu sou o Sul,
Eu sou o Norte,
Eu sou o Leste,
Eu sou o Oeste,
Eu sou o senhor do universo.
Eu saí do oceano de energia primordial ao mesmo
tempo que a luz divina.
(*Livro Segundo das Respirações, apud JACQ, 2000, p; 51*)

E assim, a partir da fixação dos templos, estes foram se tornando cada vez mais complexos em seus simbolismos.

4. Alguns Fundamentos da Arte e da Arquitetura no Antigo Egito

Brancaglion, Chapot e Ribeiro (2021, p. 129) afirmam que

Os egípcios não tinham uma palavra específica em seu vocabulário para designar “arte”, designava-se o conceito com a palavra “ofício”, confirmando-se a ideia de que a arte no Egito antigo se apresentava essencialmente prática e funcional.

Esse “ofício artístico” estava intimamente ligado à religiosidade do povo, sobretudo no culto dos mortos pois, é amplamente conhecida a riqueza artística dos túmulos dos faraós.

Havia, portanto, uma casta de artesãos (artísticas) dedicados ao *ofício*. Assim, pintores, escultores (pedra, madeira e metal), arquitetos, designers de maneira geral, mesclavam-se aos sacerdotes numa rica cultura artística produzida, em sua imensa maioria, de forma anônima. Em linhas gerais, a arte retratava a vida cotidiana, as batalhas, as divindades etc., ou seja, todos os elementos daquela rica cultura eram materializados na produção artística e possuía, ao mesmo tempo, um componente mágico, conforme nos faz crer Gombrich (2008).

A produção não era livre, ao contrário, era toda regrada; a pintura, por exemplo, deveria seguir a “Lei da Frontalidade, em que a cabeça, os braços, as pernas e

os pés eram feitos de perfil, e os olhos, os ombros e o tronco de frente. Outra característica dos desenhos é que eles eram acompanhados por textos, conhecidos como escrita hieroglífica. Essa escrita era feita com sinais desenhados” (SILVA; PADILHA e HUBEL, 2018).



Fig. 2 – Lei da Frontalidade⁸

Elementos semelhantes eram reproduzidos nas esculturas dedicada exclusivamente aos deuses e aos faraós. As formas sempre frontais isentas de expressões faciais são uma marca na produção. Assim como a arquitetura que refletia os sentimentos de perenidade (eternidade) e grandiosidade.

A história egípcia mostra que os grandes templos foram erigidos circundando pequenos santuários que eram a princípio transportados de local para local, um provável resquício dos tempos nômades. Ao redor desses relicários foram erigidas as magníficas construções.

Os templos egípcios eram divididos em diferentes partes, e sua configuração final levou muito tempo para ser concluída, acompanhando a longa linha dinástica daquela magnífica civilização. Se observarmos a planta básica desses edifícios, segundo Cardoso (2012) veremos que são três as suas partes principais: Pátio Aberto (Pronaos), Salão das Colunas (Antecâmaras) e Santuário (Naos) (ver fig.3).

⁸ Pintura da Antecâmara – Loja Rosacruz São Paulo – AMORC, autor Eduardo Vilela – da esquerda para a direita: deuses irmãos Osiris, Ísis e Néftis (foto arquivo do pesquisador).

Peinado (1997, p.7) destaca que os templos egípcios

Obedecem a uma planificação rígida, em torno de um eixo longitudinal ao longo do qual se construía uma longa avenida de acesso, adornada de esfinges ou carneiros, obeliscos e estátuas colossais precedendo a fachada exterior ou pilone.

A autor destaca que algumas estruturas importantes foram introduzidas na Época Clássica, durante o Império Médio, como o Pilone e os Obeliscos. Foi, todavia, no Império Novo, a partir da XVIII dinastia, que o esplendor da arquitetura templária se consolidou, com a introdução da área profana com as alamedas de esfinges (dromos) e um pilone monumental na fachada (ver fig.3).

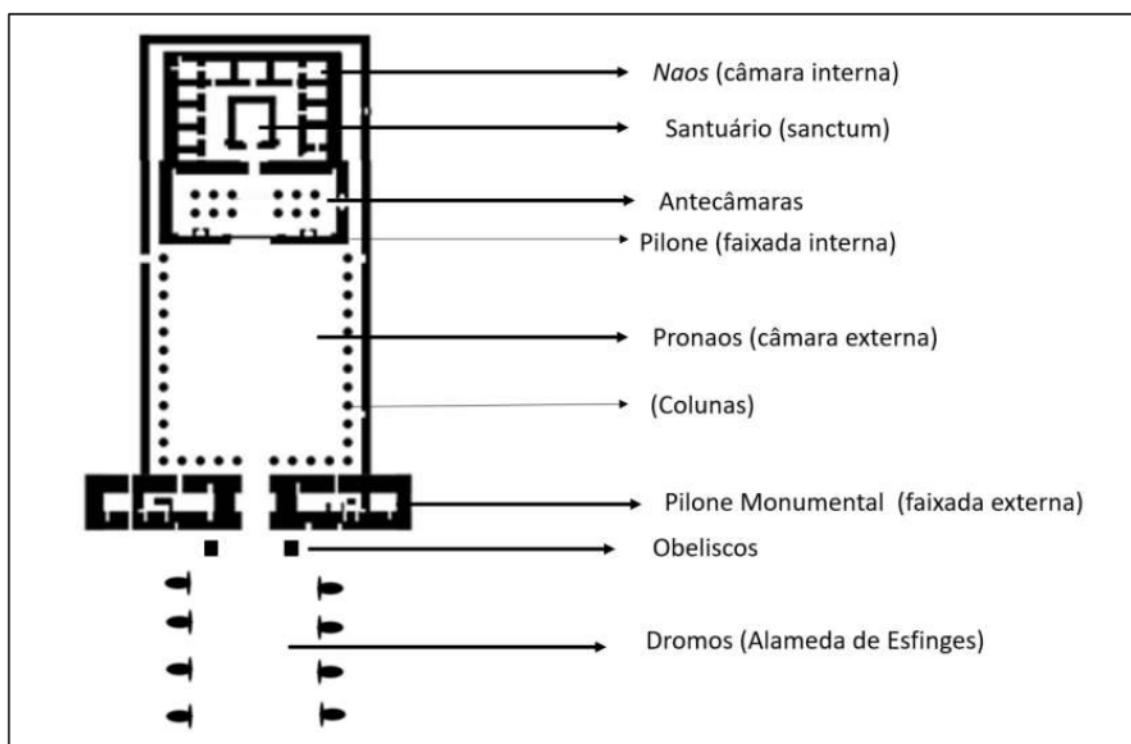


Fig. 3 – Planta básica de um Templo Egípcio no Novo Império⁹

Os templos desta época eram precedidos por magníficos pilones. O pilone é, na verdade, a junção de duas torres inclinadas com uma porta normalmente à meia altura entre as torres. No Antigo Egito eram adornados por bandeiras coloridas. O pilone traz

⁹ Diagrama desenvolvido pelo pesquisador, baseado na descrição de Peinado (1997) e no esquema de Varela (2015) e Cardoso (2012).



o simbolismo das montanhas no horizonte, por onde o sol nasce, existindo, inclusive, um hieróglifo para essa designação.

5. A Arte Egípcia no Esoterismo Iniciático da AMORC

Do ponto de vista físico, a arquitetura da AMORC segue um padrão que se tornou clássico à época do Novo Império Egípcio, a partir de 1575 a. C., ou seja, a partir da XVIII dinastia (PEINADO, 1997), quando, segundo a Tradição da AMORC, as Escolas de Mistério egípcias teriam sido unificadas no Antigo Egito (LEWIS, 1975) (ver fig. 3).

Este padrão foi primeiramente adotado no *Rosicrucian Park*, em San Jose, Califórnia, a partir de 1927, quando foram iniciadas as primeiras construções.

Harvey Spencer Lewis fundador da AMORC afirma que

O termo templo é aplicado aos nossos edifícios devotados à adoração de Deus e das Leis de Deus, onde há câmaras para estudo, trabalho e meditação. Devido à santidade desse estudo, trabalho e meditação, nossos templos são sagrados e devem ser como tal considerados e respeitados (...) o templo é universal, não-sectário, carregado com as energias cósmicas (LEWIS, s.d., p.50-51).

Em 1949 a AMORC inaugurou o “Supremo Templo” inspirado em duas construções egípcias. A fachada exterior é baseada no Templo de Dendera, onde, segundo a AMORC¹⁰, as primeiras Escolas de Mistério foram instituídas (ver fig. 4).



Fig. 4 – Esquerda – Templo de Dendera – Direita – Supremo Templo da AMORC¹¹

¹⁰ www.rosicrucianpark.org.

¹¹ Foto Dendera: Wikipédia, foto Supremo Templo – www.rosicruciam.org.

Internamente, o supremo templo reproduz o pátio interno do Templo de Medinet Habu, com seu gigantesco pilone. Este templo é também reproduzido no Brasil, no Parque Rosacruz em Curitiba, Paraná (ver fig. 5).

Alguns templos egípcios tinham vários pilones, como é o caso de Luxor e o grandioso complexo de templos de Karnac. O templo Rosacruz de Paris traz esse padrão; já o templo da Loja Rosacruz São Paulo – AMORC traz um único pilone (ver fig. 6).



Fig. 5 – Pilones de um Templo Egípcio e de um Templo Rosacruz¹²

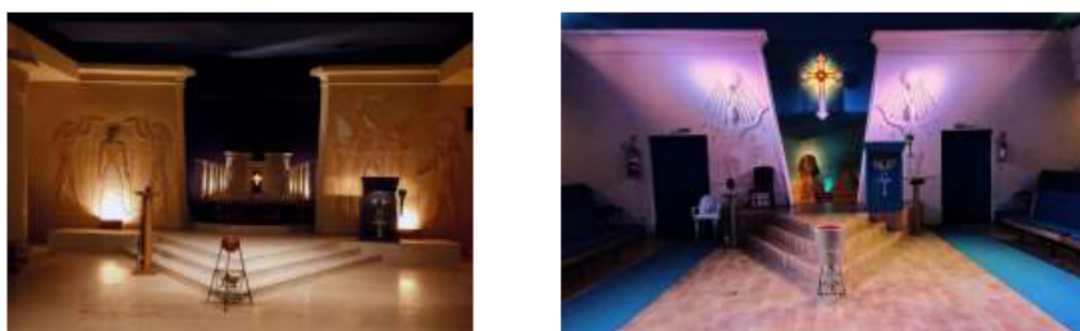


Fig. 6 – Pilones internos de Templos Rosacruzes¹³

Dialogando com os fundamentos da tradição, a partir da Grande Cadeia do Ser, apresentado no início deste estudo, o esoterismo na AMORC é praticado num processo educacional, por isso a organização se autodenomina como uma escola-iniciática. Assim, o processo educacional iniciático da AMORC visa à estimulação de uma série de competências. A *competência intelectual* (mental) é estimulada pelo estudo regular dos

¹² Esquerda Templo Medinet Habu, Egito (<https://discoveringegypt.com/pyramids-temples-of-egypt/madinat-habu-temple/>) – Direita Grande Templo, AMORC, Curitiba, PR (www.amorc.org.br).

¹³ Esquerda Templo da Loja Rosacruz, Paris (<http://www.rose-croix.org>) – Direita Templo Loja Rosacruz São Paulo (arquivo do pesquisador).



“ensinamentos rosacruz” que são enviados mensalmente aos membros em pequenas brochuras denominadas monografias. Esses ensinamentos são eivados de práticas e visam tanto ao desenvolvimento da *competência emocional* (autoconhecimento), quanto de *competências físicas* (manutenção da saúde). O processo ritualístico-iniciático visa ao desenvolvimento da *competência espiritual*, isto é o desenvolvimento de um sentido de vida.

Os ritos de iniciação são comuns em diferentes culturas. Muitas vezes envolvem provas físicas e marcam a transição etária (biográfica), e/ou a consagração a determinadas divindades¹⁴.

Na AMORC o processo iniciático acontece toda vez que o estudante rosacruz muda de estágio (grau) em seus estudos. Existe um processo pessoal de autoiniciação que o membro realiza individualmente em sua casa. Nas Lojas, que abrigam os templos, o processo acontece de forma coletiva.

O drama iniciático, de caráter simbólico, ativa todas as competências, com foco, principalmente, nas competências emocional e espiritual. No processo iniciático o membro se compromete com seu autodesenvolvimento e com o desenvolvimento da humanidade. De acordo com o fundador da AMORC, Harvey Spencer Lewis:

[Iniciação é um] rito, cerimônia ou processo pelo qual ao indivíduo é apresentado um conhecimento especial. As antigas iniciações nos mistérios objetivavam revelar, em forma dramática, uma gnose ou sabedoria secreta ao candidato. Essas iniciações, geralmente, eram divididas em quatro partes; cada uma delas consistia de um rito solene. As iniciações rosacruz são dessa natureza (LEWIS, s.d., p. 234).

A estrutura arquitetônica de um templo rosacruz foi concebida por Harvey Spencer Lewis, e como já se destacou é inspirada na arquitetura egípcia (fig. 3 e fig. 10).

A Loja São Paulo é o Organismo Afiliado mais antigo da AMORC no Brasil, fundada em 1947. Sua sede própria teve sua construção iniciada no final da década de 1970 e a consagração de seu templo ocorreu em 1985.

Do ponto de vista arquitetônico, exemplo do que foi apresentado na fig. 3, a entrada da Loja traz uma alameda de esfinges (ver fig. 7). Na alameda de entrada

¹⁴ A cultura brasileira é abundante nesse processo, tanto nas tradições indígenas, quanto nas de matriz africana.

existem doze esfinges (seis de cada lado) trazendo no peito, cada uma delas, uma insígnia de um oficial iniciático.

Segundo Gómez (2021), a esfinge¹⁵ é uma criatura mitológica, bastante estudada na iconografia egípcia, sua origem remonta às primeiras dinastias egípcias. Entre as muitas significações da esfinge, sua disposição à porta dos templos visava salientar o mistério, o enigmático, mas também um símbolo de força e inteligência. A autora destaca também o ressurgimento do simbolismo da esfinge na literatura esotérica do séc. XVII e, posteriormente, um simbolismo de guardiã.



Fig. 7 – Alameda de esfinges da Loja Rosacruz São Paulo – AMORC¹⁶

As esfinges da Loja Rosacruz São Paulo, AMORC foram todas confeccionadas na própria Loja pelo mestre artesão Oswaldo Corazza¹⁷, segundo relato do artista:

O modelo foi executado em argila, depois transformado em gesso através do processo de ‘forma perdida’. Retocado e aperfeiçoado, sobre ele construiu-se a matriz para reprodução. A esfinge modelo está montada no jardim interno, sobre um pedestal estilo egípcio,

¹⁵ Cabeça humana sobre um corpo de um animal, no Egito um leão, denominada androesfinge, havendo também, a crio esfinge com cabeça de carneiro.

¹⁶ Foto Sérgio Brisola.

¹⁷ Corazza nasceu em 1912 e faleceu em 2014, aos 102 anos. “Sempre teve inclinação para arte. Frequentou o Liceu de Artes e Ofícios desde os 8 anos de idade e cursou Desenho Técnico, onde aprendeu as principais técnicas de modelagem e escultura. Era projetista de carrocerias de ônibus de madeira na fábrica Grazzi” (ROLO e LIMA, 2007, p. 32). Corazza foi mestre da Loja em 1955; e desde o início da construção da sede, Rua Borges Lagoa, 1545, Vila Mariana, SP, Capital, manteve um ateliê dentro da Loja até próximo de seu falecimento, onde produziu as esculturas e os altos-relevos que adornam o templo.



ornamentado com a insígnia da Loja Rosacruz São Paulo e as inscrições dizem o seguinte: (lado esquerdo) não permitas que sua mente seja dividida por causa de tua língua; (lado direito) Filho meu, eu o coloco no meu santuário e eternamente brilho em proteção à sua vida (ROLO e LIMA, 2007, p. 89).



Fig. 8 – Esfinge modelo no pátio interno da Loja Rosacruz São Paulo — AMORC¹⁸

O processo iniciático se dá no templo a partir do hall de recepção (Pronaos), vai cruzando as diferentes câmaras até a entrada na câmara principal (Naos). O Lewis (s.d., p. 49) destacar que a “antecâmara é o compartimento em que os iniciados são primeiramente preparados” (ver fig. 10)

O Templo da Loja Rosacruz São Paulo – AMORC (LSP) foi internamente decorado com pinturas egípcias de acordo com a orientação de Corazza. As pinturas de todas as paredes do Hall de Recepção, bem como das Antecâmaras, são adornadas com temas clássicos de papiros egípcios. As pinturas foram realizadas pelo artista Eduardo A. Vilela¹⁹, que as copiou de livros de arte egípcia, em meados em 1985. Vilela foi auxiliado por um grupo de voluntários (ver fig. 11).

¹⁸ Lado esquerdo “esfinge modelo” no pátio interno da LSP (foto arquivo do pesquisador); do lado direito, Corazza (direita) e seu assistente (Mazzarin) durante a retirada da forma da esfinge modelo.

¹⁹ Eduardo A. Vilela nasceu em 1952, é formado em História (1976) UNISANTA. Desde adolescência se viu abduzido pela arte egípcia que começou a materializar em objetos feitos primeiramente em massinha de modelagem, depois gesso. Ao entrar para a Ordem Rosacruz nos anos 1980 pode expressar e compreender por meio dos ensinamentos rosacruzes a profundidade a arte egípcia que foram materializados nas pinturas do templo da Loja Rosacruz São Paulo AMORC. (entrevistas ao pesquisador em 17/02/2023).



Fig. 9 – Portal do Templo da Loja Rosacruz São Paulo – AMORC²⁰

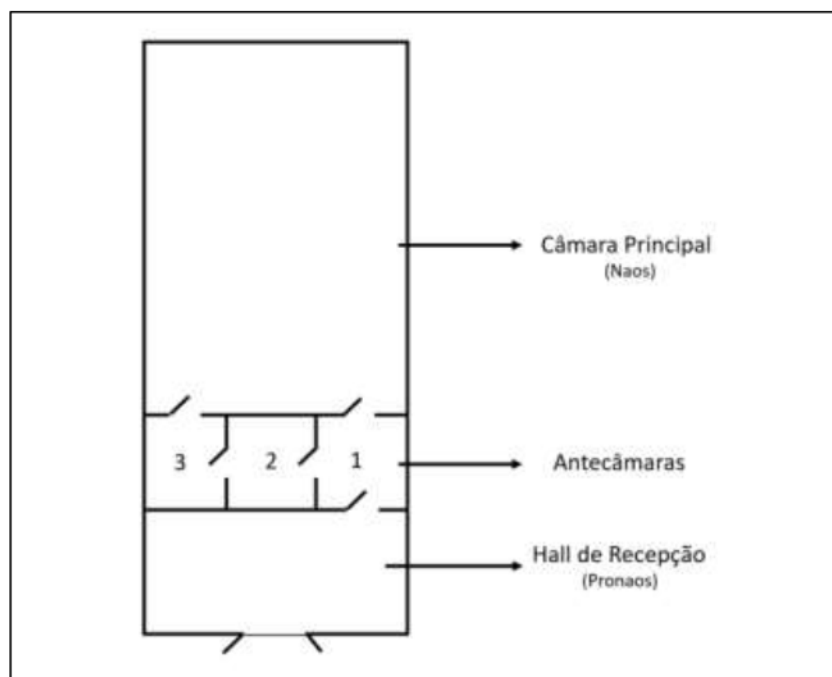


Fig. 10 – Diagrama básico de um Templo Rosacruz²¹

²⁰ Destaque para o alto-relevo da faixa da fachada com o Sol Alado (gesso) e do portal alto-relevo em bronze.

²¹ Diagrama simplificado do pesquisador baseado em Lewis (s.d.).



A partir das orientações de Corazza, Vilela “encontrava nos livros as cenas e copiava as imagens para uma transparência. Para transpor as imagens para a parede era usado um retroprojektor”²².



Fig. 11 – Eduardo Vilela e voluntários pintando o Templo da Loja São Paulo²³

O Pronaos (hall de recepção) traz elementos da vida cotidiana do Egito (fig. 12), segundo Corazza, “cenar familiares, de plantio e colheita, música etc. com o objetivo de preparar os iniciandos para o trabalho místico, favorecendo a passagem do mundo concreto para o espiritual” (ROLO e LIMA, 2007, p. 182) (ver fig. 12).



Fig. 12 – Cenas da vida cotidiana do Egito – Pronaos do Templo da LSP²⁴

²² Entrevista concedida ao pesquisador em 17/02/2023.

²³ Arquivo da Loja Rosacruz São Paulo – AMORC.

²⁴ Arquivo do pesquisador.



A antecâmara 1 é dedicada a Akhenaton, “como um exemplo a seguir para quem escolheu o caminho da Senda mística” (idem) (ver fig. 13).



Fig. 13 – Akhenaton e Nefertiti – cena da Antecâmara 1 do Templo da LSP²⁵

As câmaras 2 e 3 são normalmente usadas no processo de iniciação, portanto, são adornadas com elementos iniciáticos. “E, finalmente, o Umbral é totalmente iniciático, e representa não apenas os deuses egípcios, com seu profundo significado na apreciação da alma que passa pela grande iniciação” (ibidem) (ver fig. 14).



Fig. 14 – Cena do julgamento – Câmara 3 (Umbral) LSP²⁶

²⁵ Arquivo do pesquisador.

²⁶ Cena da pesagem do coração que deve ser leve como a pluma (Maat) *Livro Egípcio dos Mortos* (BUDGE, 1993).



Considerações Finais

Neste estudo sobre Arte Egípcia e Esoterismo, abordou-se como a arquitetura, escultura e pintura do Egito Antigo encontraram expressão nas construções templárias da Ordem Rosacruz – AMORC. A partir do reconhecimento de sua pertença à tradição primordial, veiculada pelas Escolas de Mistério do Antigo Egito, o estudo da arte daquele período é buscado por esta tradição. A Loja Rosacruz São Paulo, AMORC, o organismo afiliado mais antigo da AMORC no Brasil, e, segundo dados institucionais, o maior do mundo, pode ser visto como um elemento paradigmático, sobre o qual focamos nosso olhar nesta análise. Os artistas que trabalharam na concepção e execução do projeto, seja do ponto de vista arquitetônico, seja do ponto de vista artístico, encontraram, assim como seus predecessores estadunidenses, a inspiração nas concepções artísticas do Egito Antigo. Portanto, a vivência dos saberes tradicionais encontrou expressão plena na materialidade artística da LSP e, deste modo, a grandeza inspiradora da arte egípcia materializa-se com plenitude, neste caso exemplar.

Referências

AMORC. **O Domínio da Vida**. Curitiba: AMORC, 2006.

BORGARD, Milko. **In the Shadow of the Cathedral of Souls**. M. Borgard: Las Vegas, NV, 2021.

BRANCAGLION JUNIOR, Antônio; CHAPOT, Gisela; RIBEIRO, Deborah Soares. **Semana de Egiptologia do Museu Nacional – UFRJ. (Semana – Estudos de Egiptologia VII) – Seshat** – Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional. Rio de Janeiro: Kline, 2021.

BREASTED, James H. **The Dawn of Conscience**. Charles Scribner's Sons, N.Y., 1933.

BUCKE, Richard Maurice. **Consciência Cósmica**. Curitiba: AMORC, 1996.

CARDOSO, C. F. Construção de monumentos régios e simbolização do espaço no Antigo Egito (Reino Novo, séculos XVI-XI a.C.). **Revista Mundo Antigo**, Campos dos Goytacazes, ano I, v. I, junho, 2012.

CARVALHO, J. J. Antropologia e Esoterismos: dois contradiscursos da modernidade. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 53-71, junho de 1998.



- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- DISHER, Joel. **Antigos Manifestos Rosacruz**. Curitiba: Grande Loja do Brasil, 1982.
- DORNELES, Edson K. O Rio: Lugar Sagrado da Literatura Ameríndia. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 76-96, jul./dez. 2012.
- GOMBRICH, Ernest H. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2008.
- GÓMEZ, Anna G. **Devoradora de Hombres: la Iconografía de la Esfinge**. Zaragoza: Faculdade de Filosofia y Letra, Universidade de Zaragoza, 2021.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.
- JACQ, Christian. **A Sabedoria viva do Antigo Egito**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2014. (Obras Completa 9/1).
- KUJAWSKI, Gilberto de M. **O Sagrado existe?** São Paulo: Ática, 1994.
- LEWIS, Harvey Spencer. **Perguntas e Respostas Rosacruz com a História Completa da Ordem**. Curitiba: AMORC, 1975.
- LEWIS, Harvey Spencer. **Manual Rosacruz**. Rio de Janeiro: Rener, s.d.
- LEWIS, Harvey Spencer. **Harvey Spencer Lewis: um Mestre da Rosa-Cruz**. Curitiba: AMORC, 2009.
- LEWIS, Ralph Maxwell. **Missão cósmica cumprida**. Curitiba: AMORC, 2011.
- LOVEJOY, Arthur O. **A Grande Cadeia do Ser**. SP: Palíndromo, 2005.
- NICOLESCU, Bassarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. SP: TRIOM, UNESCO, 1999.
- MARCONDES, José Maria. **As Novas Formas de Religião**. Coimbra: Editorial Verbo Divino, s.d.
- OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.
- PEINADO, Frederico Lara. **O Melhor da Arte Egípcia**. v. 1 e v. 2.
- REBISSE, Christian. **Rosa-Cruz: Histórias e Mistérios**. Curitiba: AMORC, 2003.
- RIFFARD, Pierre A. **O Esoterismo**. São Paulo: Mandarin, 1990.



ROLO, Aurea Maria Salgueiro; LIMA, Maria Celeste B. Mamede. **Mãos servidoras: 60 anos de História da Loja Rosacruz São Paulo AMORC**. São Paulo: Edição das Autoras, 2007.

SILVA, Gabriele N.; PADILHA, Keli T.; HUBEL, Samantha S. O Desenho na História da Arte. **Revista Maiêutica**, Indaial, v. 5, n. 01, p. 53-64, 2018.

SILVA, Pedro Rodolfo F. Considerações acerca do processo de constituição da noção de sujeito. **Revista Ciências Humanas** - UNITAU, Taubaté, v. 12, n. 1, ed. 23, p. 25 - 35, jan.-abr., 2019.

VARELA, Joana. **A Ilha e os Templos de Filae**. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2015.

WILBER, Ken. **A União da Alma e dos Sentidos**. São Paulo: Cultrix, 1998.

Recebido em 21/02/2023, aceito em 06/03/2023